

VIAGENS DE GULLIVER AO BRASIL. ESTUDO DAS
ADAPTAÇÕES DE *GULLIVER'S TRAVELS* POR
CARLOS JANSEN E POR MONTEIRO LOBATO *

Adriana Silene VIEIRA

RESUMO *Nosso trabalho faz uma comparação entre a obra Gulliver's Travels (1726), de Jonathan Swift, e suas primeiras adaptações brasileiras. Em primeiro lugar, consideramos o texto integral e depois passamos à história de suas condensações e adaptações dentro da própria língua inglesa. A seguir fomos ao nosso tema principal, as adaptações da obra para o português feitas por Carlos Jansen (em 1888) e Monteiro Lobato (em 1937), discutindo problemas de adaptação, tradução, e recepção e as relações entre o texto, o intermediário (tradutor, adaptador) e o público a quem este se destina. Neste caso, o público seria, num primeiro momento, no final do século XIX, os estudantes do Colégio D. Pedro II, e num segundo momento, início do século XX, as crianças brasileiras em geral e em particular as leitoras da obra infantil de Lobato.*

ABSTRACT *This work is a comparison between the original Gulliver's Travels, by Jonathan Swift and the two first Brazilian versions of it. Firstly we considered the integral work and then we studied the story of its condensations and abridgements within the English language.*

After that we went to the main theme of our work, which is the adaptations of the work made by Carlos Jansen (in 1888) and Monteiro Lobato (in 1937). When we did that we discussed the problems of adaptation, translation and reception, and the relations among the work, the intermediate (the translator, adaptator) and the public to whom the adaptation is supposed to be held.

In our case this public was, in the first moment, the students from D. Pedro II school. Then, more precisely in the beginning of the twentieth century, the Brazilian children in general, and the readers of Lobato's works in particular.

* Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentado ao Curso de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 20 de maio de 2004, orientada pela Profa. Dra. Marisa Lajolo.

Nosso trabalho é um estudo das adaptações brasileiras de *Gulliver's Travels*, ou seja, da recepção brasileira de uma obra estrangeira, estudando questões de adaptação, tradução e leitura. Para apresentá-lo ao leitor, precisamos tratar de três momentos da recepção desta obra: suas publicações na Inglaterra durante os séculos dezoito e dezenove; a primeira adaptação brasileira, no final do século dezenove; e a segunda, no início do século vinte.

1. GULLIVER NA INGLATERRA

Gulliver's Travels foi publicada em Londres, em 1726 por Jonathan Swift. A obra não foi pensada como um livro infantil e nem mesmo como um texto popular, mas assim acabou se tornando ao longo do tempo. Swift, deão, satirista, irlandês, enviou o manuscrito, anonimamente, a um editor londrino chamado Benjamin Motte, para que o publicasse. Vendo que o texto apresentava vários trechos de crítica à política inglesa, que poderiam levar a processos contra o autor e contra ele, resolveu fazer alguns cortes. E assim começa a aparecer a marca de outros, além do autor, neste famoso texto.

Descontente com a edição de Motte, segundo consta em sua correspondência e em sua fortuna crítica, Swift publicou uma segunda edição em Dublin, em 1737. Nesta edição, adicionou os paratextos “Advertência”, “Carta de Gulliver a seu primo Sympson”, e “Do editor para o leitor”, que parecem ironizar alguns aspectos da primeira publicação de *GT*¹, como por exemplo o fato de Gulliver afirmar que, “*não reconhecia o próprio texto quando o viu publicado.*”

Embora o autor fizesse parte de um seleto grupo de intelectuais, que defendiam a supremacia dos antigos autores em relação aos modernos, em sua época multiplicava-se o número de leitores e surgia na Inglaterra um novo gênero, popular, o gênero romance, ou *novel*, em inglês. Estudiosos como Prior-Palmer, registram que *GT* teve edições piratas e várias edições populares no século dezoito, os chamados *chapbooks*.

Ainda segundo a autora, e outros críticos que tratam dessa “mudança de gênero” da obra, sua popularidade entre as crianças aumentou significativamente no período vitoriano, portanto, durante o século dezenove, quando surgiram adaptações com ilustrações. É nestas adaptações que se observa a principal interferência dos editores na obra. Nas edições de 1726 e 1737, *Gulliver's Travels* apresenta quatro livros, referentes às quatro viagens da personagem: *A Voyage to Lilliput*; *A Voyage to Brobdingnag*; *A Voyage to Laputa, Balnibarbi, Luggnagg, Glubbudrib, and Japan* e *A Voyage to the Country of the Houynhnms*, ainda encontradas nas edições integrais da obra. Nas adaptações o que mais se encontra como sendo as *Viagens* são apenas os dois primeiros livros. No primeiro, a personagem é um gigante em um país de anões;

¹ Daqui em diante passaremos a utilizar a sigla *G. T.* para *Gulliver's Travels*.

no segundo, um ser pequenino em um país habitado por gigantes. Essa significativa redução da obra mostra a maior popularidade dos dois primeiros, que em que a fantasia aparece mais. Mas a retirada das duas últimas partes, em que a sátira swiftiana é mais “amarga”, também é importante. Uma prova da amargura swiftiana é que a cada viagem a personagem mostra-se mais desencantada com a raça humana, e volta para casa enojada dos homens, que identifica com os yahoos, habitantes de *Houyhnhms*, país dos cavalos, muito superiores àqueles, com quem Gulliver se envergonha de parecer fisicamente.

Das duas primeiras partes de *G. T.*, *Viagem a Lilliput* foi a mais difundida e é sobre ela que nos deteremos. *Viagem a Lilliput* trata da chegada de Gulliver a um país habitado por seres humanos em miniatura. Nele, Gulliver tenta se adaptar ao modo de vida dos habitantes, mas acaba caindo em desgraça entre eles, que ao final querem matá-lo. Uma das razões é Gulliver não concordar com a escravização dos blefuscuanos, o outro é ele ter apagado o incêndio do palácio real com sua urina. O texto de Swift apresenta alguns trechos escatológicos, em que a personagem comenta sobre suas necessidades fisiológicas, chegando até mesmo a apagar o incêndio do palácio real com sua urina, principal razão para a “diminuição do afeto” dos liliptutianos por ele.

Além da escatologia, temos vários trechos em que a personagem descreve as separações internas no reino de Lilliput e a guerra entre o país e a vizinha Blefuscu. Segundo os críticos, esta seria uma alegoria à situação da própria Inglaterra, dividida em sua política – Wigs e Tories – e religião (católicos, anglicanos e puritanos) e às supostas “injustiças” sofridas por Swift, identificado com Gulliver.

Sabendo que *G. T.* foi **adaptada, adulterada, modificada**, para adequar-se à leitura das crianças na Inglaterra, trataremos de suas adaptações brasileiras, como um clássico infantil. Ao analisar tais adaptações, é importante visar a época e o contexto em que cada uma foi publicada. A primeira adaptação brasileira é de Carlos Jansen, publicada em 1888. A segunda é de Monteiro Lobato, publicada em 1937.

2. O GULLIVER DE JANSEN

A literatura infantil brasileira, segundo Lajolo e Zilberman, surge no final do século dezenove, na mesma época em que o país passa por grandes mudanças, como a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República. Entre as primeiras obras destinadas às crianças brasileiras, temos as traduções, adaptações e imitações e também a literatura escolar, de cunho moral e cívico. O que mais nos interessa são as traduções, adaptações e imitações, nas quais destacam-se os trabalhos de: Carlos Jansen², o primeiro a publicar

² Nome completo: Carlos Jansen Müller. Nascido na Alemanha em 1830 e falecido no Rio de Janeiro em 1889. Apud, Wyler, Lia. *Tradução, ofício invisível de incorporar o outro*. Mestrado, Escola de Comunicação da UFRJ, 1995.

no Brasil uma tradução de *G. T.* e Figueiredo Pimentel,³ que publicou traduções dos contos de Perrault, irmãos Grimm e Andersen.

Carlos Jansen foi um professor do colégio Pedro II⁴. Adaptou várias obras clássicas da literatura infantil, visando, principalmente, os alunos do colégio. Ele publicou as adaptações: *Contos Seletos das Mil e Uma Noites* (1882), *Robinson Crusóé* (1885), *Viagens de Gulliver* (1888), *As aventuras do celeberrimo Barão de Münchhausen* (1891), *Contos para filhos e netos* (1894) e *D. Quixote de la Mancha* (1901).

Suas adaptações eram quase sempre prefaciadas por escritores e intelectuais ilustres da época, como Machado de Assis e Silvio Romero que parecem legitimar seu trabalho. Antes de publicar *Gulliver's Travels*, ele escreve a Rui Barbosa, pedindo-lhe um prefácio, que ele concorda em fazer. O prefácio de Rui Barbosa, além de apresentar o autor e a obra ao público brasileiro, lembra as críticas recebidas por Swift, devido a sua sátira, e recomenda a adaptação de Jansen às crianças leitoras. Ele afirma que a obra é excelente, “excetuando-se certos lances”, o que se observa também no texto de Jansen, que evita toda e qualquer menção à escatologia e à sátira, presentes no texto integral.

A adaptação toma as duas primeiras partes de *G. T.* Publicada no Brasil em 1888, pela editora Laemmert⁵, tem como título *As viagens de Gulliver a terras desconhecidas* e também as informações “*Redigidas para a mocidade brasileira por Carlos Jansen, do Imperial Colégio Dom Pedro II*”, “*Edição de luxo ornada com nove belísimos cromos*”. Estas informações nos dão a direção do texto, trazendo referência sobre o leitor esperado e sobre a materialidade da edição: na capa se encontra especificado o público e também se anunciam as ilustrações que o acompanham. Lembramos que estas aparecem mais em textos infanto-juvenis.

Para estudar a adaptação de Jansen, fizemos um cotejo entre ela e uma versão integral de *G. T.*, em inglês, que segue a edição de Falkner. Através da comparação entre trechos, observamos que Jansen não resume a obra de Swift, sendo muitas vezes fiel ao “original”. Entre suas interferências, observamos, em princípio, que ele desmembra os grandes parágrafos, o que torna mais fácil a leitura.

³ *Histórias da Carochinha*, (1894); *Contos de Fadas; Histórias da avozinha; Histórias da baratinha*, de 1896; *Album das crianças; A queda de um anjo; Teatrinho infantil*, de 1897; *O livro das crianças* (1888).

⁴ Criada em 1837, na então capital, Rio de Janeiro, como uma escola secundária modelo. Apud. Hallwell, I. O livro no Brasil, p. 144.

⁵ “Os irmãos Eduard (1806-1880) e Heinrich (1812) Laemmert, proprietários de uma das principais editoras do Brasil da segunda metade do século XIX, iniciaram seus negócios aqui em 1827, quando Eduard foi para o Rio de Janeiro como representante da editora francesa Bossange. A partir de 1839, Eduard associou-se a seu irmão Heinrich e, juntos, fundaram a “*E & H Laemmert, mercadores de livros e de música*”. Com o tempo, sustentada por um linha muito popular de manuais, e dispondo de uma Folhinha e de um Almanaque para difundir suas publicações, a firma passou a incluir uma gráfica. A partir da morte dos irmãos Laemmert (Eduard em 1880, e Heinrich em 1884), a empresa passou a ser propriedade de Gustavo Massow e dos genros de Heinrich Laemmert, Edgon Widman e Arthur Sauer”. Apud. Lajolo e Zilberman. *O preço da leitura*, p. 101.

As maiores interferências de Jansen são os cortes, que se operam nos trechos de escatologia. Assim, se no primeiro capítulo em inglês, Gulliver, amarrado ao chão, resolve “aliviar-se” assim que tem uma das mãos livres, no de Jansen não há menção a isto. Da mesma forma, não aparece referência ao ato de defecar, no capítulo dois e nem mesmo às calças rasgadas da personagem, no capítulo três, quando Gulliver conta que o exército liliputiano, passando por baixo de suas pernas, olhava para o alto, com admiração e espanto.

Uma das partes mais importantes do livro, em que Gulliver urina sobre as chamas do palácio real, extinguindo-as, Jansen precisou encontrar uma solução narrativa, um outro meio de a personagem apagar as chamas. Sua solução, que não parece muito feliz, foi a de pegar, com seu chapéu, água de uma cloaca e atirar nas mesmas. O adaptador não pode deixar de mencionar o fato de Gulliver apagar o incêndio porque foi uma das causas de sua condenação, mas ao mesmo tempo não quis ferir a moral do leitor, pois como o próprio Rui Barbosa afirmava, seu texto não tinha nenhuma das referências do naturalismo e não causaria vexame às famílias.

Por dirigir seu trabalho a escolares, Jansen deveria ter alguns objetivos pedagógicos, embora não fizesse como Francisca Júlia, Olavo Bilac e outros, cujo objetivo, ao escrever para crianças e jovens, era transmitir conhecimentos e educação moral e cívica. Mas observamos que faz uma pequena interferência. No texto de Swift, ao relatar que os liliputianos escreviam de um canto ao outro da página, Gulliver compara esta forma de escrita à das mulheres inglesas da época, que pretendiam passar-se por elegantes. Jansen compara esta escrita enviesada à dos escolares relaxados, “com preguiça de pautar a sua plana”. Esta é a única referência escolar do adaptador.

3. O GULLIVER DE MONTEIRO LOBATO

Monteiro Lobato é muito conhecido pelas suas obras infantis, em que apresenta as personagens do Sítio do Picapau Amarelo. Publicada, no Brasil, entre 1921 e 1944, sua obra abarca vários aspectos culturais, tratando de história, geografia, mitologia, da leitura, da escrita e de personagens estrangeiras, das oriundas dos contos de fadas até as contemporâneas, como personagens do cinema e quadrinhos. No Sítio de Dona Benta, além das personagens de Lobato, encontramos visitantes como o Pequeno Polegar, Don Quixote, Tom Mix, Popeye, Gato Félix e vários outros, de modo que o autor ultrapassa as barreiras de espaço e tempo, trabalhando a intertextualidade e a carnavalização.

O grande interesse de Lobato com relação às obras de língua inglesa é explícito de várias formas. Uma delas é sua correspondência, em que trata da cultura inglesa e americana, outra é a adaptação de *Peter Pan*, (James Barrie, Inglaterra, 1911) publicada pela Cia Editora Nacional em 1930, em que Dona Benta, depois de ler a história em inglês, conta-a às demais personagens, com suas palavras. Em *Memórias da Emília*

(1936), Alice, de Lewis Carroll, conversa com tia Nastácia em português, porque já tinha sido traduzida, por Lobato, é claro.

É assim que passamos a outras facetas de Monteiro Lobato, além daquela de criador da Emília. Ele foi também editor e tradutor. Como editor, esteve à frente da Monteiro Lobato e Cia, de 1920 a 1925, foi sócio da Cia Editora Nacional, de 1926 a 1940, e posteriormente transmitiu os direitos de publicação de seus livros para a editora Brasiliense. Como tradutor, assinou mais de 70 títulos, só pela Cia Editora Nacional, e entre estes encontramos duas tiragens de *Viagens de Gulliver*, em 1937 e duas em 1940.

Sua adaptação, tem o título de *Viagem de Gulliver ao país dos homenzinhos de um palmo de altura*⁶. Como o próprio nome já indica, a adaptação ocupou-se apenas da primeira parte do livro de Swift.

Na comparação com o texto integral, observamos que Lobato também retirou os trechos de escatologia e referência ao corpo humano. No trecho em que Gulliver urina no palácio para apagar o incêndio, a solução de Lobato foi que a personagem pegou, com seu chapéu, água de um rio, e com ela o apagou. Esta solução suprimiu a escatologia, e a razão para o descontentamento do soberano com relação à personagem deixou de ser o fato de ela ter urinado no palácio e passou a ser o de ter usado água em excesso e tocado, sem permissão, nas figuras da imperatriz e de suas crianças.

Lobato, ao contrário de Jansen, utiliza uma linguagem mais informal, com palavras quotidianas, que fazem o leitor identificar o mesmo estilo do autor de *Reinações de Narizinho*. Outra mudança é que ele faz um resumo da obra, do qual abre mão nos trechos em que Gulliver trata da educação e, principalmente, da guerra entre Lilibut e Blefuscu.

Por que teria a adaptação de Lobato, concisa em toda sua extensão, se estendido justamente neste trecho? Acreditamos que seja porque o assunto lhe interessava, e Lobato reproduz a sátira swiftiana. Vejamos, através de uma comparação entre o texto integral, o de Jansen e o de Lobato, as diferenças:

Em Swift, temos:

(...) For, said he, as flourishing a condition as we appear to be in to foreigners, we labour under two mighty evils; a violent faction at home, and the danger of an invasion by a most potent enemy from abroad. As to the first, you are to understand, that for above seventy moons past, there have been two struggling parties in this empire, under the names of Tramecksan, and Slamecksan, from the high and low heels on their shoes, by which they distinguish themselves. It is alledged indeed, that the high heels are most agreeable to our ancient constitution: but however this be, his Majesty hath determined to make use of only low heels in the administration of the Government, and all offices in the gift of the Crown; as you cannot but observe; and particularly, that his Majesty's imperial heels are lower at least by a druurr that any of his court. (...) The animosities between these two parties run so high, that they will neither eat nor drink, nor talk with each other. ⁷

⁶ Optamos por atualizar a ortografia dos trechos de Monteiro Lobato.

⁷ SWIFT. p. 33-4.

(...) Besides, our histories of six thousand moons make no mention of any other regions, than the two great empires of Lilliput and Blefuscu. Which two mighty powers have, as I was going to tell you, been engaged in a most obstinate war for six and a thirty moons past. It began upon the following occasion. It is allowed on all hands, that the primitive way of breaking eggs before we eat them, was upon the larger end: but his present Majesty's grandfather, while he was a boy, going to eat an egg, and breaking it according to the ancient practice, happened to cut one of his fingers. Whereupon the emperor his father, published an edict, commanding all his subjects, upon great penalties, to break the smaller end of their eggs. The people so highly resented this law, that our histories tell us, there have been six rebellions raised on that account; wherein one emperor lost his life, and another his crown. These civil commotions were constantly fomented by the monarchs of Blefuscu; and when they were quelled, the exiles always fled for refuge to that empire. It is computed, that eleven thousand person have, at several times, suffered death, rather than submit to break their eggs at the smaller end.⁸

Em Jansen:

(...) O caso é que ha muito tempo mantemos uma guerra desastrosa com os habitantes da ilha de Blefuscu. Posto que a vitoria estivesse ora de um lado, ora de outro, perdemos quarenta dos nossos melhores navios, e mais de trinta mil marinheiros denodados nos combates e encontros inúmeros, e ainda ninguém pode prever o fim desta miséria.⁹

Em Lobato:

Mas que inimigos poderia ter aquele povinho? Começou a refletir o ex-prisioneiro. Que inimigos poderia ter um povo tão adiantado e de tão bons sentimentos? Essa interrogação não tardou a ter resposta.¹⁰

— Apesar das aparências calmas, disse o nobre, nosso reino está sob a ameaça dum perigo terrível.¹¹

O fidalgo abriu-se. Contou que Lilliput era uma ilha, e havia perto outra ilha, de nome Blefuscu, governada por um rei mais poderoso que o de Lilliput. Os habitantes dos dois reinos, embora da mesma raça, viviam como inimigos, tendo já pelejado uma grande guerra.

— Por que razão?

— Oh, o motivo parecer-vos-á bem fútil, respondeu o fidalgo. Certa vez em que o avô do nosso atual soberano estava á mesa, resolveu ele mesmo partir um ovo — e partiu-o do lado mais grosso. Com muita infelicidade, porém, visto que se feriu na casca, Em consequência, foi passada uma Lei ordenando ao povo que só partisse ovos do lado mais fino. Essa lei originou a luta. Uns aceitaram-na e cumpriram-na, só quebrando ovos pelo lado mais fino; mas outros, de espirito rebelde, teimaram em quebra-los pelo lado mais grosso. Daí uma serie de prisões e castigos rudes, até que os rebeldes preferiram fugir para a ilha vizinha a cumprir a lei. Lá intrigaram, fazendo que o rei de Blefuscu declarasse guerra a Lilliput. Nessa luta perdemos muitos navios e muitos soldados valentes.¹²

⁸ SWIFT. p. 34-5.

⁹ JANSEN. p. 61. Decidimos manter a ortografia original neste e em todos os trechos transcritos.

¹⁰ LOBATO. p. 28.

¹¹ LOBATO. p. 29.

¹² LOBATO. p. 30.

A coorte sempre estivera dividida em duas fações hostis. A causa da divergência era se deviam usar sapatos de salto alto ou baixo. Os partidários do salto algo odiavam os partidários do salto baixo. Não se cumprimentavam, não se sentavam á mesma mesa, não se poupavam os maiores remoques e calunias. Gulliver sorria de tanta infantilidade.

Os alistas tinham o nome de Tramecksam, e os baixistas, o de Lamecksam. No momento estes estavam de cima. Todos os criados do soberano, por exemplo, usavam saltos baixos — mas havia o receio de que o príncipe herdeiro se inclinasse para o partido contrario, visto como esse príncipe ainda não se decidira por nenhum dos lados e para manter a imparcialidade usava sapato de salto baixo num pé e de salto alto em outro. Isso lhe dava um modo de andar esquisitíssimo e incomodo. Não podia, portanto, durar muito — e, então, para que lado se inclinaria? (...)

Essa bobagem estava a ponto de lançar aquele povo nos horrores da guerra civil!¹³

O fato de detalhar-se na descrição das guerras e disputas internas, chegando a utilizar de adjetivos, mostra que esta questão, em Swift, chamou atenção de Lobato. A sátira swiftiana está de acordo com as intenções de Lobato, de criticar a destruição feita pela humanidade, como podemos ver em *História do Mundo para Crianças* (1933), em que Dona Benta, Narizinho e demais personagens fazem críticas contrárias aos conflitos, chamando-os de “imbecilidades humanas”, *A reforma da Natureza* (1941) e *A Chave do Tamanho* (1943), publicadas durante a Segunda Guerra Mundial buscam soluções para o flagelo. Na primeira, Dona Benta e Tia Nastácia se afastam do Sítio para participar de uma convenção mundial pela paz. Na segunda, Emília, procurando a chave da guerra, encontra a chave do tamanho e a aciona, diminuindo todos os seres humanos, realizando também seu intento.

O estudo da adaptação lobatiana também é importante para responder à questão sobre ter sido realmente Lobato o tradutor ou adaptador dos textos que assina. A observação desta adaptação lobatiana, mostra não só seu estilo, mas o fato de manter os aspectos do texto que estavam de acordo com seus pontos de vista. Obras, como *Hans Staden* (1927), que mostram idéias às vezes preconceituosas, quando narradas por Dona Benta, são comentadas pela personagem e debatidas pelas crianças, mostrando muito do pensamento lobatiano. No caso de *G T*, o adaptador parece concordar com o autor, o que explica o fato de Lobato, que é conciso em todo o texto, ter sido prolixo justamente neste, abreviado por Jansen.

Outro aspecto a ser levado em consideração é que o tema da miniaturização, presente em *G T*, aparece também em *A Chave do tamanho*, em que a diminuição dos seres humanos, assim como em Swift, serve como forma de questionar o “ponto de vista” sobre as sociedades.

¹³ LOBATO. p. 36-7.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- SWIFT, J. (1970). *Gulliver's Travels*. New York: W. W. Norton & Company. (A Norton Critical Edition Revised/ An authoritative text; the correspondence of Swift).
- _____. (1888). *As viagens de Gulliver a terras desconhecidas, redigidas para a mocidade brasileira por Carlos Jansen*. Rio de Janeiro: Laemmert.
- _____. (1937). *Viagem de Gulliver ao país dos homenzinhos de um palmo de altura*. São Paulo: Cia Editora Nacional. (Trad. de Monteiro Lobato)
- BARBOSA, R. (1949). "Swift", em *Ensaio literários*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Brasileira.
- DAICHES, D. (1960). "The Augustan Age: Defoe, Swift, Pope". In: *A Critical History of English Literature*, vol. 2, London: Secker & Warburg.
- FARIA, M.A.O. (1983). "A imaginação miniaturizante em *A Chave do Tamanho*. (comunicação apresentada no III Seminário Regional de Literatura - IBILCE-UNESP, de 10 a 14 de maio de 1982) e publicada na revista *Stilos*, IBILCE.
- HALLEWELL, L. (1985). *O Livro no Brasil (sua história)*. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp.
- LAIJOLO, M. (2000). *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna.
- _____. (1982). *Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha*. Porto Alegre: Globo.
- LAIJOLO, M. & ZILBERMAN, R. (1984). *Literatura Infantil brasileira, história e histórias*. São Paulo: Ática.
- _____. (1986). *Um Brasil para crianças*. São Paulo: Global.
- MILTON, J. (2002). *O clube do livro e a tradução*. São Paulo: Edusc.
- _____. (1994). "The Translations of the Brazilian Book Club, the Clube do livro". In *Emerging Views of Translation History in Brazil. Special Edition of: Crop: Revista da área de língua e literatura inglesa e norte-americana do Departamento de Letras Modernas/ Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas*. Universidade de São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, n. 1. P. 195-148.
- PALLARES-BURKE, M.L.G. (1996). *Nisia Floresta, o carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural*. São Paulo, HUCITEC.
- PRIOR-PALMER, E.M.A. (1999). *The transformation of Robinson Crusoe and Gulliver's Travels into children's Classics: From initial Publication to the Nineteenth Century*, Exeter, University of Exeter. (Phd. Thesis).
- QUINTANA, R. (1962). *Swift: an introduction*. London, New York: Oxford University Press.
- SANDRONI, L. (1987). *De Lobato a Bojunga: as reações renovadas*. Rio de Janeiro: Agir.
- SMITH, F.N. (1990). ed. *The Genres of Gulliver's Travels*. Newark, Delaware: University of Delaware Press.
- TURNER, P. (1994). "Introduction". In. SWIFT, J. *Gulliver's Travels*. Oxford/ New York, Oxford University Press.
- VERISSIMO, J. (1985). *A educação Nacional*. Porto Alegre: Mercado Aberto.

WILLIAMS, H. (1959). "Introduction". In SWIFT, J. *Gulliver's Travels*. Oxford: Basil Backwell.

BIBLIOGRAFIA NA INTERNET

JOHNSON, S. "Lives of the Poets"; LINCH Jack, Augustan Satire: An annotated Bibliography, 22 may 1995; In: <http://www.jaffebros.com/lee/gulliver/> (07/01/04).

PAIJ, A.H. "Perception of Satire in *Gulliver's Travels*". In: <http://www.jaffebros.com/lee/gulliver/sources/crit.html> (07/01/04).

PERRIN, N. *Dr. Bowdler's Legacy: A history of expurgated books in England and America*. New York: Atheneum, 1969, p. 224-228. (trecho publicado sob autorização em In: www.jafebross.com/lee/gulliver - (07/01/04).

THACKERAY, W.M. "The English Humorists of the Eighteenth Century". In: www.jafebross.com/lee/gulliver (07/01/04)

Site do projeto Memória de Leitura: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/>

Site das Linhas *Coats*, com imagens históricas: <http://www.coatsplc.co.uk/co/media/library/historical/>.